

Gênero e vivências: relação de mulheres em situação de rua com a sexualidade, violência e gravidez

Laura Onisto Machado Pereira¹

Carolina Lobato Magalhães²

Camila Montandon Dumont Lopes³

RESUMO

Realizado a partir de um semestre de vivências na Pastoral de Rua de Belo Horizonte, através do Projeto de Extensão Universitária denominado Iepê Ôminira: Observatório e Clínica de Lutas Democráticas, coordenado pelos professores Bruno Vasconcelos de Almeida e Maristela Costa de Andrade, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, com pessoas em situação de rua ou que já estiveram nessa condição, este trabalho tem como foco analisar as experiências de mulheres na luta diária por sobrevivência nesse ambiente dotado de tamanhas violências e hostilidades. Para isso, foi utilizada a técnica de entrevistas abertas, na qual não é necessário um roteiro a ser seguido, visto que a realização ocorre a partir de um diálogo informal. Tal método, além de facilitar a captação de informações, permite que as entrevistadas se sintam mais confortáveis para relatarem acerca de suas vidas. Ao fim das entrevistas e após análise dessas, foi decidido tomar como categorias de análise os temas gravidez, sexualidade e violência nas ruas, posto que foram os que estiveram presentes em maior proporção nos relatos. Como forma de embasar as teorias e percepções obtidas, foram utilizados onze artigos, de autores diversos, com temas similares ao proposto pelo estudo. Conclui-se que o presente estudo se estrutura com o objetivo de reconhecer as diversas realidades que violentam as vivências de mulheres que se encontram em situação de rua.

Palavras-chave: Mulheres. População em Situação de Rua. Vulnerabilidades. Extensão. Sexualidade.

Género y experiencias: relación de mujeres indigentes con la sexualidad, la violencia y el embarazo

RESUMEN

Realizado a partir de un semestre de experiencias en la Pastoral de Rua de Belo Horizonte, a través del Proyecto de Extensión universitaria de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais, en Belo Horizonte, llamado Iepê Ôminira: Observatorio y Clínica de Luchas Democráticas, coordinado por los profesores Bruno Vasconcelos de Almeida e Maristela Costa de Andrade, con personas que viven en las calles o que ya han estado en esta condición, el trabajo analiza las vivencias de las mujeres en la lucha diaria por la supervivencia en este entorno dotado de tanta violencia y hostilidades. Para ello, se utilizó la técnica de entrevistas abiertas, en la que no es necesario seguir un guion, ya que la realización se basa en un diálogo informal. Este método, además de facilitar la obtención de información, permite que los entrevistados se sientan más cómodos para informar sobre sus vidas. Al final de las entrevistas y luego de analizarlas, se decidió tomar los siguientes temas para análisis: el embarazo, la sexualidad y la violencia en las calles; ya que fueron las respuestas que estuvieron presentes en mayor proporción en los informes. Como base para las teorías y

¹Graduanda em Psicologia, Faculdade de Psicologia (FAPSI) PUC Minas, no *campus* Coração Eucarístico. E-mail: lauraonisto1@gmail.com.

²Graduanda em Psicologia, Faculdade de Psicologia (FAPSI) PUC Minas, no *campus* Coração Eucarístico. E-mail: carolobatomaga@hotmail.com.

³Graduanda em Psicologia, Faculdade de Psicologia (FAPSI) PUC Minas, no *campus* Coração Eucarístico. E-mail: camilamontandonumont@gmail.com.

percepciones obtenidas, se utilizaron once artículos, de diferentes autores, con temas similares al propuesto por el estudio. Se concluye que el presente estudio se estructura con el objetivo de reconocer las diferentes realidades que atentan contra la vida de las mujeres sin hogar.

Palabras clave: Mujeres. Población sin hogar. Vulnerabilidades. Extensión. Sexualidad.

1 INTRODUÇÃO

Desenvolvido a partir de entrevistas realizadas pelas então extensionistas universitárias do projeto Iepê Ôminira: Observatório e Clínica de Lutas Democráticas, coordenado na época pelos professores Bruno de Vasconcelos de Almeida e Maristela Costa de Andrade do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com cinco mulheres que frequentavam a Pastoral de Rua de Belo Horizonte no primeiro semestre de 2018, o presente artigo visa abordar os temas Sexualidade, Violência e Gravidez, relacionando-os às vivências de mulheres em situação de rua.

De acordo com Roso e Santos (2017), pessoas em vivência de rua, tradicionalmente reconhecidas como moradores de rua, sem-teto, pessoas sem lar e população de rua, são constituídas como um fenômeno presente em diversos períodos históricos, desde a Idade Média até os dias atuais. A vivência de rua que antes era, predominantemente, espaço de expressão de loucura, rebeldia, ou de renúncia filosófica ou religiosa, passou a atingir em maior escala, no decorrer dos anos, aqueles que gozam de saúde mental, mas que não conseguiram se inserir nos espaços de produção capitalista. De acordo com Fipe (2000) *apud* Costa *et al.* (2015, p.1091), são classificados como população em situação de rua:

Todas as pessoas que não tem moradia e que pernoitam nos logradouros da cidade - praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viadutos - ou casarões abandonados, mocós, cemitérios, carcaças de veículos, terrenos baldios ou depósitos de papelão e sucata. [...]. Foram igualmente considerados moradores de rua aquelas pessoas ou famílias que, também sem moradia, pernoitam em albergues ou abrigos, sejam eles mantidos pelo poder público ou privado. (FIPE, 2000, *apud* COSTA *et al.*, 2015, p.1091)

Neste relato, utilizaremos o termo “pessoas em situação de rua”, em detrimento de moradores de rua, visto o caráter de significado de cada um. Consoante ao apontado por Prates, Prates F. e Machado (2011), considerarmos uma pessoa como moradora de rua é similar a dizermos que alguém é morador de casa ou de apartamento, trazendo a essa população um caráter fixo. Entretanto, busca-se aqui trazer a condição de estar na rua enquanto um processo, um momento, que pode ou não ser modificado ou superado.

Para Biscotto *et al.* (2016), a rotina da rua é marcada por desafios diários, como a falta de acesso à alimentação, à saúde e ao transporte, dificuldades financeiras, vício em drogas e discriminação social. Dessa forma, aqueles que se encontram em condição de rua são obrigados a desenvolver maneiras de sobreviver e atender suas necessidades básicas, além de tentar superar barreiras sociais, como o preconceito. Estar em situação de rua “[...] expõe o sujeito ao enfrentamento de carências de toda ordem, além de exigir que ao mesmo tempo ele se adapte a outras referências de vida social bastante distinta daquelas anteriormente vividas [...]” (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, *apud* COSTA *et al.*, 2015, p.1091).

Embora os motivos que levaram esses sujeitos a deixarem suas casas sejam, em sua maioria, semelhantes, cada história guarda sua singularidade. Nesse sentido, as similaridades mais frequentes encontradas entre os perfis das pessoas em situação de rua, no Brasil, estão no baixo nível socioeconômico e de escolaridade, na existência de transtornos mentais, na dependência de álcool e outras drogas, no desemprego, no histórico de prisão, de conflitos pessoais e sociais e na ruptura de vínculos familiares. Os abrigos, as repúblicas e os albergues assumem uma posição de importância na vida desses sujeitos, por possibilitar a criação de rotinas e dinâmicas que diminuem o sentimento de solidão e deslocamento. No entanto, a permanência ou a passagem nesses locais de apoio a essa população exigem disciplina e impõem condições que podem ser encaradas com aceitação, mas também com resistência ou conflito (ROSA; BRÊTAS, 2015).

Conforme citado por Biscotto *et al.* (2016), apesar de os homens se encontrarem em maior parcela vivendo nas ruas, as dificuldades que as mulheres encontram são mais profundas e agressivas. Esse contexto se explica devido ao fato de estarmos inseridos em uma sociedade composta por uma estrutura social machista, violenta e propícia às desigualdades de gênero e de direitos sociais. Comumente, ao homem é atribuído o papel de poder e à mulher o de sua posse, obediente e recatada. Logo, assim como retratado por Souza *et al.* (2016), além de sofrer com o preconceito já enraizado na sociedade, a problemática da rua torna-se apenas mais um agravante para a violência cometida contra essa mulher que é marginalizada, excluída e vista como não merecedora de respeito, dignidade e direitos. Por essa razão, de acordo com Rosa e Brêtas (2015), é comum encontrar situações de mulheres que, por insegurança e medo de dormirem na rua sozinhas, acabam procurando um homem para terem como parceiro.

Ademais, para Biscotto *et al.* (2016), a relação que a mulher em situação de rua desenvolve com a sua sexualidade espelha-se em vivências desde a infância, incluindo as referências materna e paterna, condições sociais e econômicas, maus-tratos, abusos, violências e condições de saúde.

2 METODOLOGIA

A seguinte pesquisa foi realizada a partir de entrevistas abertas com cinco mulheres frequentadoras da Pastoral de Rua de Belo Horizonte, que serão apresentadas no decorrer do artigo com as iniciais B, I, J, P e R, na qual todas já se encontravam fora da situação de rua. O único critério de seleção foi escolher mulheres que já conhecíamos ou soubéssemos, mesmo que um pouco, suas histórias. Foi adotada uma perspectiva qualitativa, para que fosse possível identificar e observar, a fundo, cada entrevistada de modo subjetivo e com suas particularidades. A escolha pela coleta de dados através de entrevistas abertas ocorreu para que houvesse uma maior flexibilidade e informalidade na conversa, por se tratar de temas complexos e sofridos para muitas delas. Além de tais fatores, tal método também facilita a obtenção de um maior índice de informações, pois faz com que a história seja narrada, com o mínimo de interferências possíveis.

Após a realização das entrevistas e análise dessas, optamos por focar nosso estudo nos temas Sexualidade, Violência e Gravidez, visto que foram os que estiveram presentes em maior proporção nas falas.

Além das entrevistas, optamos por utilizar, também, relatos contados ao longo do período em que estivemos na Pastoral de Rua de Belo Horizonte, ambiente ao qual frequentamos uma vez por semana, no primeiro semestre de 2018, para realizar o projeto de extensão universitária Iepê Ôminira, que visava à acolhida e escuta das pessoas em situação de rua que frequentavam o ambiente.

3 RECORTE RACIAL

Embora não seja um tópico diretamente abordado ao longo das entrevistas, nem um dos temas selecionados para serem aprofundados ao longo do presente artigo, é importante salientar que o recorte racial é um fator que, em grande medida, atravessa a população em situação de rua. Ademais, é possível dizer que a questão racial marca as vivências das mulheres participantes do estudo especialmente pelo fato de que, das cinco participantes, três eram negras.

Apesar de ocorrido o processo de descolonização, o Brasil mantém em sua estrutura o racismo que vulnerabiliza, segrega e exclui corpos negros há centenas de anos. Segundo Foucault (1975-1976), o racismo já existe há tempos, mas operava de maneiras diferentes à reconhecida pelos mecanismos atuais. No entanto, o racismo se desenvolve em meio à colonização, à medida que se irrompe a necessidade de matar pessoas, populações e civilizações para o desenvolvimento e funcionamento do biopoder. A purificação e eliminação das raças se estabeleceu com o exercício do

poder soberano que atribuiu a si o direito de matar, sendo a introdução e a ativação do racismo arraigada efetivamente. Foucault (1999) ainda pontua que o racismo não nasce com o Estado moderno, mas é potencializado pelas relações de guerra em que “quanto mais você deixar morrer, mais, por isso mesmo, você viverá” (p.305) e ainda “para viver, é preciso que você massacre seus inimigos” (p.305).

Dessa forma, percebe-se como de extrema importância o estudo da questão racial no que se relaciona aos indivíduos em situação de rua para uma maior compreensão de sua realidade. Entretanto, a opção pela não inclusão e aprofundamento da referida temática nesta pesquisa se fez uma vez que tal conteúdo não se mostrou tão presente nos relatos das entrevistadas. Assim, optou-se por desenvolver outros tópicos que foram expostos em maior quantidade e de maneira mais direta, sendo que os assuntos abordados durante as entrevistas eram espontaneamente trazidos pelas entrevistadas.

3 SEXUALIDADE

Ao analisarmos as condições da mulher em situação de rua, é perceptível o impacto que a sexualidade gera e pode determinar na qualidade de sua vivência nesse ambiente. De acordo com Vieira (2016, p. 330), “A sexualidade é compreendida como um elemento que dá sentido e significado à existência humana, representando uma função vital do indivíduo, da qual fazem parte múltiplos fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, transmitidos de geração em geração.”

Nesse sentido, a maneira com que as vivências sexuais ocorrerem ao longo da vida da mulher definirá a forma como ela lida com os relacionamentos interpessoais e com as sensações de prazer ou de emoção. De acordo com Biscotto *et al.* (2016), além de serem obrigadas a enfrentar desafios relacionados aos seus corpos cotidianamente, a rua exige das mulheres a preocupação com o cuidado dos filhos, visto que o papel social da maternidade continua reforçado e fortemente inserido na sociedade.

Buscando compreender a visão das mulheres em situação de rua quanto ao ato sexual, alguns pontos podem ser destacados. O primeiro diz respeito ao sentimento de medo quanto ao abuso de seus corpos, por outros sujeitos, ao pernoitarem na rua. Nessa questão, Biscotto *et al.* (2016) destaca que o estupro é apontado como o maior problema ocorrido com mulheres na rua, o que as obriga a desenvolverem táticas para se protegerem, como dormirem grupo ou portar armas. Assim, a relação com o sexo pode ser encarada de maneira negativa devido a experiências violentas e sem consentimento sofridas.

Conforme Varanda e Adorno (2004) *apud* Costa *et al.* (2015, p.1091-2) “[...] algumas mulheres acabam utilizando o sexo como um meio para obter proteção ou mesmo amparo financeiro para a sobrevivência”. Dessa forma, não é rara a dificuldade de imposição de limites aos parceiros sexuais. Nesse contexto, a busca pela sobrevivência e a exposição às violências diversas acabam forçando-as a se estabelecerem com um companheiro. Relatos de algumas das mulheres entrevistadas mostram essa situação.

B- “*Eu pensava comigo que era melhor arrumar um sujeito só pra eu me deitar, do que todos se aproveitarem de mim. Ai eu arrumei né.*”

Entrevistadoras - “*E ele era bom com você?*”

B- “[...]Ahhh, nada. Eu tinha mais ele como companhia mesmo. Uma estratégia de defesa pra mim.”

I- “*Se a mulher não for esperta na rua o homem se aproveita, eu mesma dormia com um porrete do meu lado. (...) Eu ficava a noite acordada com medo de alguém vir engrajar comigo*”

O segundo ponto a ser destacado é a possibilidade de tratar a relação sexual, por essas mulheres, como algo positivo. O sexo é muitas vezes visto como algo prazeroso e bom. Há mulheres que afirmam ainda que o fato de estarem na rua não justifica a privação de seus desejos sexuais. Porém, Medeiros (2001) cita que as manifestações afetivas nem sempre acontecem, o que atribui às relações sexuais tratamentos ríspidos e agressivos.

4 GRAVIDEZ

Outra situação que se torna difícil para a mulher em situação de rua é a gestação e o exercício da maternidade. De acordo com Costa *et al.* (2015), a gravidez, quando ocorrida na rua, encontra desafios diversos tanto para a saúde da mãe, quanto para o desenvolvimento do bebê. Em relação ao pré-natal, necessário durante esse período, parte das mulheres relataram dificuldades quanto ao acesso aos sistemas de saúde, destacando a discriminação por estarem na rua como motivo relevante para a ocorrência desse fato. Além disso, Costa *et al.* (2015) também destacam que o desconforto com a barriga, principalmente ao dormirem em calçada, reforça a precariedade das condições de vida destas mulheres.

De acordo com Neiva-Silva *et al.* (2018), em um dos poucos estudos brasileiros sobre o tema, identificou-se que 23,2% dos meninos em situação de rua e 51,9% das meninas, entre 9 e 18 anos, tiveram experiência de gravidez. O fato de não possuir uma moradia fixa e estável torna a permanência da mãe com a criança complicada. Parte das entrevistadas relataram que, em Belo Horizonte, é comum a mãe perder a guarda do filho ainda no hospital, sem sequer ter a chance de

mudar de vida. Tal situação acaba, muitas vezes, abalando a saúde mental da mulher, que perde a esperança e expectativa, antes criada, de que o filho a faria mudar de vida, minimizando sua força para deixar a rua.

Em contrapartida, Silveira e Blay (2010) apontam que aquelas mulheres que conseguem manter a guarda da criança tendem a permanecer menos tempo em situação de rua. Essa afirmativa está ligada ao fato de que o nascimento do filho impulsiona na mãe a vontade de prover uma melhor qualidade de vida para aquele, o que faz com que ela busque abrigos. Nesse sentido, Rich (2010) citado por Silveira e Bley (2010), explicita a importância da existência de uma rede de apoio e de programas de assistência social que visem melhorar o bem estar da mulher e nutrir, de maneira saudável, a relação que será estabelecida entre ela e o bebê. Além disso, esse autor também destaca a dificuldade que essas mães têm de impor qualquer tipo de autoridade frente aos funcionários dos abrigos.

Segundo Costa *et al.* (2015), é essencial ressaltar que a aceitação da gestação não necessariamente significa a vontade de criar a criança ou estabelecer um laço com esta. Em muitos casos, as mães buscam instituições ou pessoas conhecidas que se disponibilizem a cuidar do bebê, pois entendem que não possuem condições adequadas para mantê-lo. Em contrapartida, não é incomum encontrar mulheres que, mesmo em situação de rua, desejam ficar com os filhos, apontando que, independente das condições pouco favoráveis, o sonho de constituir uma nova família existe. Com base em Biscotto *et al.* (2016), essa situação pode ser interpretada como uma tentativa de compensar os relacionamentos antigos que foram rompidos a partir do começo da vida na rua ou como uma forma de projetar uma nova vida para o futuro. Ainda, existem aquelas que simplesmente não criam nenhum tipo de vínculo com o bebê, o que pode levar ao abandono após o nascimento da criança. Essas diferentes maneiras de lidar com a gravidez estão associadas às relações familiares passadas, em que houve privação afetiva familiar, e a perspectiva de vida para o futuro dessas mulheres e de seus parceiros.

R- *“Eu fui ver o sofrimento depois que eu engravidei na rua. Tive que dar meus filhos para os outros e um deles faleceu pelo vírus do HIV. [...] Eu não queria dar pros outros, mas tive que dar. A menina acaba de ter o filho e querem levar ele pro conselho tutelar, nem espera acabar de mamar e toma. [...] Eu vejo várias meninas novinhas engravidando por causa de uma pedra. É muito triste. Esse negócio de mulher grávida na rua é muito difícil, entendeu? Porque a mulher ainda que grávida os homens não respeitam. [...] Perto de ganhar o bebê uma amiga minha da rua me falou: Tem uma dona que tá doida pra ter um filho, você não quer dar pra ela não? Aí no dia que eu fui pro hospital parir, ela foi de táxi, colocou uma roupa toda amarelinha nela e levou embora.”*
P- *“Eu tenho medo de trazer meu filho pra BH e eles me tomarem ele.”*

5 RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

Os motivos que levam indivíduos à situação de rua e como ocorreu o processo de deixarem suas casas são diretamente influenciados pela maneira que essas pessoas desenvolveram seus relacionamentos familiares. Conforme Costa *et al.* (2015), o processo de ir para a rua, além de causar alterações no cotidiano do sujeito, pode ocorrer de maneira gradual, lenta ou repentina. Isso ocorre já que os casos podem variar, desde aqueles em que há o retorno à família de tempos em tempos, os que permanecem períodos em abrigos, até os que rompem vínculos afetivos definitivamente. De acordo com Rosa e Brêtas (2015, p.281):

A situação de rua, quase sempre, foi narrada como decorrência de eventos específicos. Houve a valorização dos fatos mais marcantes que antecederam a perda ou abandono do lar, em detrimento a uma sequência progressiva de fragilização e rupturas sociais.

Conflitos constantes com os familiares e episódios de violência física, sexual ou psicológica, principalmente de seus parceiros, são os maiores motivadores para a ida de mulheres para a condição de rua. Em seu relato, I diz “*Eu só vim pra rua porque meu marido me batia muito e uma hora ia me matar*”.

Nesse sentido, Souza *et al.* (2016) afirma que o sentimento de desamparo causado pela perda de laços familiares torna a rua um lugar para onde ir. Outra realidade, relatada por Vieira, Bezerra e Rosa (2004) aponta que, para muitas mulheres em situação de rua, a perda do contato com a família é resultado do sentimento de vergonha, visto que elas associam o estar na rua com o fracasso pessoal. Somado a isso, a identificação com a figura materna poderá determinar como essa mulher irá tratar certas questões na rua. Nesse sentido, se a mulher tiver presenciado agressões vividas pela mãe e passar por experiências similares na rua, o ato de violência pode ser por ela justificado. Sobre isso, Souza *et al.* discorrem:

A identificação com a história materna é quase como se os laços de maternidade, com sua mãe falecida, se reavivassem na repetição da história, dando continuidade a uma marca familiar de violência. Ter acompanhado as agressões vividas por sua mãe, vivenciar as mesmas situações e estar em situação de rua, fazem com que esta mulher legitime a violência como um caminho já traçado, como algo determinado na relação entre ela e seu companheiro. (SOUZA *et al.*, 2016, p.4)

Em se tratar de brigas ocorridas com parentes, que contribuíram para a decisão de sair de casa, as entrevistadas comentam:

J- “Ele (irmão) batia na minha avó e eu entrava no meio. Ai para não fazer nada com ele, eu saí de casa.”

P- “Eu fui parar na rua com onze anos de idade porque minha mãe tinha depressão muito forte e ela não tinha condição de cuidar de mim, me batia e me agredia muito. Ai eu fugi de casa.”

6 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

De acordo com Casique e Furegato (2006):

A violência de gênero é aquela exercida pelos homens contra as mulheres, em que o gênero do agressor e o da vítima estão intimamente unidos à explicação desta violência. Dessa forma, afeta as mulheres pelo simples fato de serem deste sexo, ou seja, é a violência perpetrada pelos homens mantendo o controle e o domínio sobre as mulheres. (CASIQUE; FUREGATO, 2006, s.p.)

Assim, conforme relatado anteriormente, muitas mulheres acabam indo para a situação de rua como uma forma de fuga de relações violentas de gênero antes estabelecidas em casa, e, ao chegar nesse novo ambiente, são expostas novamente a diversos tipos de agressões. Segundo Frangella (2004) *apud* Costa *et al.* (2015, p.1094) “[...] mulheres sozinhas são, na maioria das vezes, compartilhadas por vários parceiros do agrupamento. Elas estão sempre expostas a estupros, apanham dos parceiros, que agem sozinhos ou em grupos.”

Mulheres em situação de rua que não possuem companheiros e que estão sob efeito de substâncias, como álcool e medicamentos, são mais propensas a sofrerem violências tanto físicas quanto sexuais. Por outro lado, as que fazem uso de crack possuem menos chances de serem violentadas, devido ao fato de que são vistas como agressivas, causando medo. (Souza *et al.*, 2016)

Para Biscotto *et al.* (2016), as mulheres que pernoitam na rua, além das violências praticadas pelas outras pessoas em situação de rua, estão sujeitas também a violências físicas praticadas por pessoas que não aceitam a condição em que elas vivem, acreditando que estão sendo prejudicadas por estas e buscam “higienizar” o ambiente.

I- “Eu vendo cigarro na rua [...] chegou um cara, ele queria levar tudo e ainda pintou comigo (estuprou). Não gosto de falar disso, já vem um trauma”

Silveira e Blay (2010) apontam estudos que indicam que a maior parte das mulheres com permanência em abrigos temporários já sofreram algum tipo de abuso. Logo, citando Greene e Ringwalt (1998) *apud* Silveira e Bley (2010), essa realidade está diretamente ligada à vulnerabilidade socioeconômica das mulheres em situação de rua que acabam sendo obrigadas, por sua segurança, a trocar favores sexuais com um companheiro do gênero masculino. Ainda, de

acordo com os autores, o estupro às mulheres em condição de rua pode ser interpretado como uma maneira para a manutenção da dominação do gênero masculino e submissão da mulher, além de estabelecer uma hierarquia entre as gangues de rua.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de diferentes vivências de mulheres que já estiveram em situação de rua e dos artigos lidos, pode-se concluir que esse contexto afeta o indivíduo de diversas maneiras e com profundidades distintas e singulares. As condições de desigualdade de gênero tornam esse fato ainda mais cruel para a parcela feminina dessa população. A violência vivida pela mulher em sua sexualidade e até na hora da sua gravidez criam grandes traumas, e, como são a minoria, ficam invisibilizadas. Ademais, pode-se afirmar que a história de vida e os relacionamentos estabelecidos e rompidos pela pessoa em condição de rua influenciam em sua trajetória e perspectiva futura.

A questão racial pode ser mais uma vez pontuada, visto que a maior parcela da população em situação de rua é negra e periférica. Além da omissão do Estado e de políticas públicas que contribuam para a promoção de uma vida com maior qualidade de vida para esses indivíduos, eles ainda estão sujeitos ao racismo que deslegitima e rejeita seus corpos.

Foucault (1999) expressa que, na lógica do exercício do biopoder, “quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu — não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie — viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar” (FOUCAULT, 1999, p, 305). Compreende-se no fragmento a seguir um similar pensamento:

A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura. (FOUCAULT, 1967, p. 305)

Percebe-se também uma falha no sistema Belorizontino que muitas das vezes retira a criança de sua mãe, quando esta não possui moradia, sem sequer dar uma chance de mudança a ela. Tal situação pode vir a causar diversas perturbações, além de remover a perspectiva de mudança de vida criada por algumas mulheres durante a gestação. O mundo da rua é muito cruel e frequentá-lo, sendo mulher, em um país machista, torna a vivência feminina neste ambiente ainda mais complexa e violenta.

REFERÊNCIAS

- BISCOTTO, Priscilla Ribeiro *et al.* Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 50, n. 5, [s.p.], set./out.2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016000500749&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jun. 2018.
- CASIQUE, Leticia; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 6, nov./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000600018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2021.
- COSTA, Samira Lima da; *et al.* Gestantes em situação de rua no município de Santos, SP: reflexões e desafios para as políticas públicas. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.24, n.3, p.1089-1102, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/PKjsM9ngxJXf7VTpHkx4GGs/?lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/05/Foucault-M.-Em-defesa-da-sociedade.pdf>. Acesso em: 20. jun. 2018.
- ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v.19, n.53, p. 275-85, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2015.v19n53/275-285>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- MEDEIROS, Marcelo *et al.* A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. **Rev Latino-am Enfermagem** 2001 março; 9(2): 35-41. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/17508/5/Artigo%20-%20Marcelo%20Medeiros%20-%202001.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- NEIVA-SILVA, Lucas *et al.* Experiência de gravidez e aborto em crianças, adolescentes e jovens em situação de rua. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1055-1066, abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000401055&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2021.
- PRATES, Jane Cruz; PRATES, Flávio Cruz; MACHADO, Simone. Populações em Situação de Rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Revista Temporalis**, Brasília, v. 11, n.22, p.191-215, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1387>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- ROSO, Adriane; SANTOS, Verônica Bem Dos. Saúde e relações de gênero: notas de um diário de campo sobre vivência de rua. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá (Colômbia), Vol. 35, n.2, p. 283-299, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3379>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- SOUZA, Márcia Rebeca Rocha de *et al.* Gênero, violência e viver na rua: vivências de mulheres que fazem uso problemático de drogas. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 37, n. 3.2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000300418&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2018.
- SILVEIRA, Anne Lise Sandoval Scappaticci; BLAY, Sergio Luis. Mães adolescentes em situação de rua: uma revisão sistemática da literatura. **Rev. psiquiatr**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 03-15,2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082010000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2021.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. Acesso em: 23 jun. 2018.

VIEIRA, Kay Francis Leal *et al.* Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 36, n. 2, p. 329-340, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000200329&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 07 mar. 2018.